

Casas da zona central do litoral português

POR

Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano

do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular

Por quase toda a orla litoral do centro do País, desde Aveiro a Leiria, divulgou-se um género de casa que, à parte pequenas diferenças locais mais ou menos sensíveis, mostra evidentes características comuns. Trata-se invariavelmente duma casa térrea (podendo apenas conter uma parte sobradada, baixa, sob o telhado, servindo de celeiro ou arrumação), que mostra quase sempre, para os caminhos ou estradas que bordeja, uma fachada simples, muito cuidada e por vezes muito ornamentada, sob o pequeno beiral linear de um telhado de duas águas, com o cume paralelo à fachada; para as traseiras, ela possui um pátio rodeado total ou parcialmente pelos aidos, galinheiros, cobertos, etc., para o qual se entra por um portão rasgado na fachada frontal da própria casa, ou no muro ou parede que se lhe segue.

Já estudamos noutro lugar (1) a variante que corresponde à região gandaresa, e que, na verdade, é também frequente daí até ao Vouga, especialmente na direcção de Fermentelos. Por grande parte dessa região este tipo mostra para a frente uma fachada muito igual, com um motivo janela-porta-janela que se repete regularmente, e é seguido pelo portão largo que dá acesso ao pátio através do alpendre, e por um lanço de parede em que as únicas aberturas são uns postigos pequenos abertos logo por

baixo do beiral, e que iluminam o celeiro, o qual é, no geral, o único sobrado existente.

Hoje estudaremos dois tipos desse mesmo género de casa, da região a sul do Mondego, ao longo do litoral que corresponde aos concelhos da Figueira da Foz, Pombal e Leiria: um, próprio de certas áreas deste último concelho, possivelmente o mais antigo dos dois, em que a fachada é totalmente diferente da das casas da Gândara, com um alpendre baixo e acolhedor, a maior parte das vezes ladeado por dois cubículos baixos, lembrando as casas antigas da Murtosa; e outro, que se vê pelos mencionados concelhos da Figueira e de Pombal, em que, pelo contrário, a fachada se assemelha muito à das casas da Gândara.

*

* *

Por uma delimitada área do concelho de Leiria, encontra-se com relativa frequência um tipo especial de casa térrea e pequena, com alpendre, em que este se abre numa fachada baixa e lisa, debaixo do beiral corrido a todo o comprimento do edifício, e que se vira ora para a rua, ora para um pátio situado nas traseiras. Na sua grande maioria muito pobres e sem qualquer ornato que enriqueça a singeleza da construção de adôbe, apenas o alpendre, rasgado na brancura das paredes baixas, alegria um pouco o aspecto destas casas, com uma nota humilde de harmonia. Exteriormente, como dissemos, elas têm afinidades e fazem pensar numas casas também térreas e de alpendre, que aparecem na Murtosa, e das quais já noutra lugar nos ocupamos (2); numas, como nas outras, esse alpendre aparece do mesmo modo no espaço compreendido entre dois cubículos laterais, que avançam à frente da fachada; mas elas distinguem-se entre si por uma diversa localização no terreno, e frequência de elementos decorativos (3).

Como exemplo típico desta categoria, descreveremos uma casa do lugar da Granja porto de Monte Real, na área onde elas são ainda hoje bastante numerosas.

A casa (fig. 1), com cobertura de velha telha caleira a duas águas, situa-se junto de um dos caminhos principais da aldeia, virando para aí a fachada baixa de beiral corrido, a meio da qual se abre o alpendre; ela encosta as empenas às casas vizinhas, e em alguns casos forma com elas, desse modo, como que um telhado único, que as recobre a todas; e, nas traseiras, dá para o pátio fechado, vulgar por todo o centro litoral do País, com o seu costumado desalinho, entre as paredes de adôbe nu das pequenas dependências agrícolas que o rodeiam parcialmente, as «alpendradas», e o seu largo portal, abrindo para um caminho secundário.

Interiormente a casa é composta por um corpo central, que abriga a cozinha, a sala, e um quarto (Des. 1 — I), e ao qual se encosta, à frente, um outro corpo, estreito, formado por dois cubículos, que deixam entre si o espaço aberto que corresponde ao alpendre.

Este é soalhado, e apresenta-se como um átrio reentrante de entrada para a *sala* ou *casa de fora*, que é o compartimento principal da casa. Uma das paredes principais desta sala, faz a divisória entre ela e a cozinha, para a qual se passa por uma porta muito pequena (4). No lado oposto, outra parede separa a sala de um compartimento contíguo, sem janela (5) que serve de quarto de dormir.

A cozinha é de dimensões consideravelmente mais reduzidas que a sala. À lareira, com uma *saia* muito baixa, apoiada num prumo de madeira, encosta-se à parede divisória, ocupando o canto, como é a regra por toda esta área litoral; ela mal se eleva do chão, e é ladeada por dois bancos, sob a *saia*, a qual tem fixada à face mais longa um prateleiro onde se colocam tachos e louças (Des. 1 — II).

A localização da lareira no plano da casa dá origem a que a chaminé apareça a meio do telhado, no sentido perpendicular ao cume; e é este um traço característico constante da habitação tradicional da região.

Da cozinha passa-se para o pátio da retaguarda, e para o cubículo da frente, que ladeia o alpendre desse lado, e que serve de quarto. O segundo cubículo, do outro lado do alpendre, é muito comprido e utiliza-se agora como arrumação: nele esteve em tempos o forno do pão, que agora fica num coberto fechado, nas traseiras.

As paredes da casa são de adôbe, com cerca de 50 cm. de espessura; e já acentuamos a sua pouca altura, que reduz as portas de forma a ser necessário curvar-se para se passar por elas (6). Toda a casa é soalhada e forrada, à excepção do cubículo que abrigou o forno, que é em terra batida e telha vã. A porta da entrada tem uma largura normal; mas, como rasgos, além dela, apenas dois pequenos postigos se abrem na fachada, correspondendo aos cubículos.

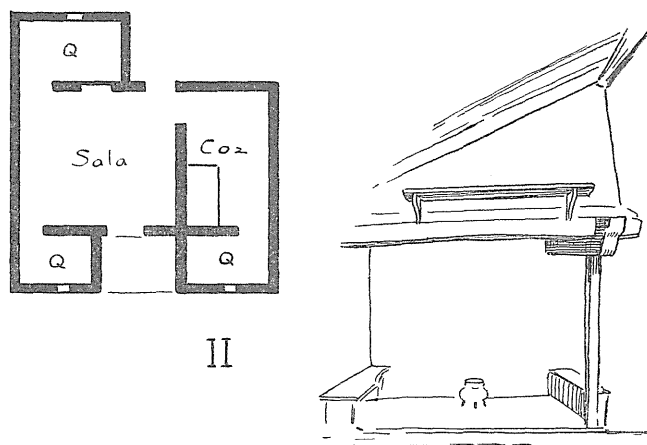
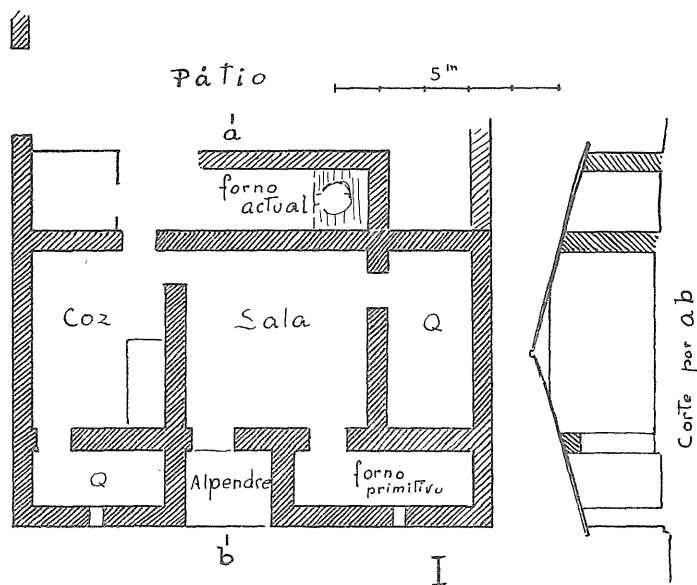
Estas casas de alpendre, mostrando embora certas pequenas diferenças na sua divisão interior, apresentam sempre os elementos principais que apontamos, combinados regularmente de modo idêntico. A cozinha, ao lado da sala, tem sempre a lareira encostada à parede divisória com aquela, e puxada ao canto; conseqüentemente, a chaminé aparece sempre localizada de igual modo. O compartimento grande ao lado da sala, no corpo principal da casa, e oposto à cozinha, é sempre o quarto de dormir, juntamente com os cubículos — ou apenas um deles —, que ladeiam o alpendre; mas em inúmeras casas, mais pequenas do que o protótipo que descrevemos, desaparece o quarto grande, e dorme-se apenas nos cubículos (7). Estes por vezes, têm porta directa para o alpendre. É natural que em tempos mais antigos a sua iluminação fosse feita apenas por postigos pequenos, com



Fig. 1 — Granja (Leiria).



Fig. 2 — Guia (Pombal).



Desenho 1 — I — Granja (Leiria). II — Guia (Pombal) — Casa mais pequena e respectiva cozinha. O banco da parede não existe em muitísimos casos.

guarnições ou caixilhos de madeira; ainda hoje raras vezes tais postigos podem merecer o nome de janelos; e, pelo contrário, é vulgar eles não existirem, fazendo-se a iluminação por um vidro colocado entre as telhas.

As cozinhas são muitas vezes soalhadas, com a excepção do espaço onde se encontra a lareira, que é de terra. A lareira é ao raso do chão, coberta por uma *saia* baixa que remata à frente numa trave apoiada num prumo de madeira, deixando ver, suspensas a meio da parede do fundo, as correntes de ferro donde se penduram os painéis sobre o lume; sob ela abrigam-se os bancos compridos, de duas pernas, que a ladeiam (Des. I — II); e à volta desta divisão veêm-se arquibancos, mesas, louceiros, por vezes recortados no alto, cantareiras, etc. Por seu turno, na sala — que, de acordo com a regra tem funções predominantemente cerimoniais em especial relacionadas com a visita pascal —, vêem-se uma mesa com o crucifixo ou oratório, cadeiras com a assento de madeira, arcas, que aqui são lisas, com tampa de rebordo e quatro pés pregados nos cantos inferiores, etc.

O alpendre apresenta-se ora totalmente aberto para a rua, ora guarnecido por um ou dois *piais* (poiais), que prolongam a parede da fachada. Este último caso corresponde em geral a alpendres mais espaçosos; mas mesmo quando eles são pequenos, é frequente ver-se um poial curto de um dos lados, que veda parcialmente a entrada. O pavimento do alpendre é frequentemente de soalho; há porém, muitos de terra batida, sendo então costume cobri-la de junco. O tecto é forrado; e o degrau baixo, na porta da entrada, é quase sempre de madeira.

Nem sempre, porém, o alpendre se situa a meio da fachada; é frequente, sobretudo em certos lugares, ele aparecer a um canto do edificio (fig. 5), sem que contudo a planta da casa se modifique, em relação à da casa da Granja atrás descrita (8). Mais raramente, o alpendre vê-se numa das empenas (fig. 6);



Fig. 3 — Guia (Pombal).

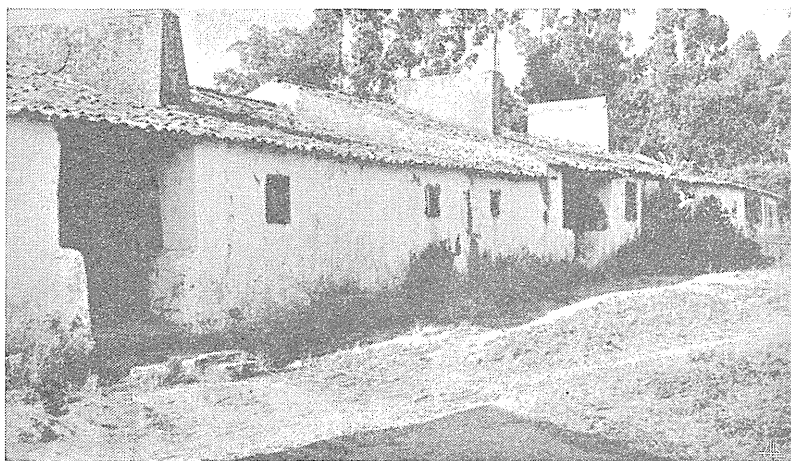
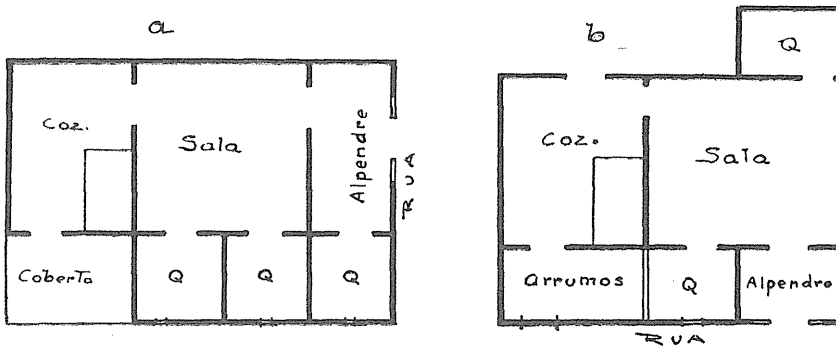


Fig. 4 — Monte Real (Leiria).

isto sucede principalmente quando a orientação da casa assim o aconselha, ou quando há vantagem da sua exposição para esse lado; também nesse caso a divisão interior se mantém de acordo com o tipo essencial que descrevemos (9).

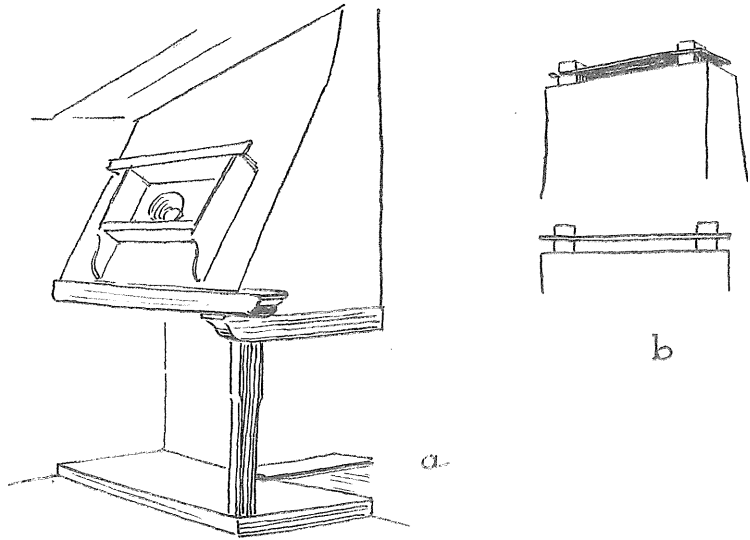


Desenho 2 — a — Conqueiros — Exemplo de casa com alpendre na empena.
 b — Ortigosa — Casa com alpendre no canto. (No compartimento de arrumos há agora uma porta de entrada mais directa para a cozinha).

As chaminés destas casas pertencem à categoria mais simples e sóbria das chaminés estremenhas e de todo este litoral central: compridas e delgadas com a fenda de saída do fumo estreita (fig. 4), no alto, guarnecida muitas vezes por duas peças ornamentais, de pedra ou calça em forma de pirâmides, nas suas extremidades. Presentemente, algumas aparecem protegidas, a todo o seu comprimento, por uma tábua apoiada sobre tijolos e firmada pelo peso de outros que se colocaram sobre ela (Des. 3-b).

Os fornos ficam sempre em cubículos, separados da cozinha e com a chaminé própria (quando a têm). Os cubículos com esse fim não se incluem geralmente na planta da casa: aparecem ora encostados às traseiras, ora ladeando o alpendre, ora mesmo em qualquer ponto do pátio, fora do edifício. Neles se cozinha com frequência.

Contrastando com a modéstia e ausência de ornatos exteriores, nota-se por vezes uma certa preocupação na arquitectura interior, nomeadamente no que diz respeito aos tectos; não raro o da sala é em masseira, com molduras, e o do alpendre mostra uns ornatos rudimentares; e, em alguns casos, a porta de entrada é guarnecida com alizares de madeira recortada.



Desenho 3 — *a* — Lareira e chaminé duma casa de Paião. *b* — Chaminé com a tábua protegendo a fenda de saída.

Este tipo de casa, que corresponde a uma classe de trabalhadores rurais e pequenos lavradores, é ainda hoje bastante frequente pela zona norte do concelho de Leiria e, pelo menos até alguns anos, por uma região compreendida entre a Batalha e a Martingança: mais para o norte, encontram-se ainda numerosos exemplares até à Guia, Carriço e Lourical; para o interior, vimos um ao outro até Albergaria dos Doze. Ele encontra-se em vias de rápido desaparecimento, que se explica pela inconveniência das suas condições habitacionais, a pequenez dos quartos de



Fig. 5 — Conqueiros (Leiria).



Fig. 6 — Conqueiros (Leiria).

dormir e a sua pouca altura geral. Quando o adôbe de que elas são feitas começa a desagregar-se e as paredes a ruir, a casa é condenada, porque não merece arranjo; e nas construções que a vêm substituir não aparece, infelizmente, o mais leve vestígio do seu velho alpendre, que era uma feição regional modesta, mas graciosa e acolhedora.

*

* *

Na região a sul do Mondego correspondente aos concelhos da Figueira da Foz, de Pombal, e parte de Leiria, encontra-se, por sua vez, como dissemos, uma casa dessa mesma categoria geral própria da área litoral do centro do País, com uma fachada do tipo gandarês, mas que mostra aqui diferenças significativas em relação à casa da Gândara. Com efeito, a porta da entrada não está a igual distância de ambas as janelas, correspondendo o afastamento maior ao lugar da chaminé, a qual sai do telhado pela água virada para a rua, em direcção perpendicular à fachada. Além disso, o portão abre-se muitas vezes num corpo que se distingue do resto da fachada, tanto na altura, que é maior (fig. 7), como até num ligeiro recuo ou avanço, e a sua incorporação no edifício não tem o carácter de regularidade que mostra por certas zonas da Gândara, abrindo-se mesmo, muita vez, num simples muro baixo que se segue à casa, directamente para o pátio. Nota-se também que o pano de parede correspondente ao celeiro é muito mais raro, e, quando existe, se situa geralmente logo a seguir à parte de habitação, antes do portão.

A estas diferenças, que se podem constatar do exterior, corresponde também, no interior, uma planta inteiramente diferente. Assim, o corpo principal da casa, virado para a estrada ou caminho, abriga a sala, a cozinha, e um celeiro-arrumação. À sala corresponde a porta e a janela que lhe fica próxima,

enquanto que a janela afastada, muito mais pequena, pertence à cozinha; é a lareira, pela disposição que toma ao canto desta, que provoca esse maior afastamento, e também a colocação característica da chaminé (figs. 8 e 9).

A este corpo da casa segue-se, na sua retaguarda, um outro corpo muito estreito, coberto pelo prolongamento da água posterior do telhado, e dividido em três compartimentos: dois quartos muito pequenos, e a casa do forno; é desta que se passa para o celeiro, situado no corpo da frente. O portão abre para o alpendre, que fica logo a seguir, e ao qual dão aqui o nome curioso de *zambório* (Des. 4 e fig. 9) (10).

Estas casas são feitas com os diversos materiais que existem localmente, pedra ou adôbe de barro, e muitas vezes de adôbe com o alicerce de pedra, como acontece em tantos outros sítios da área do adôbe; toda a construção é rebocada e caiada por dentro, à excepção do *zambório*, em que esses materiais ficam a nu. Em algumas áreas reduzidas, como por exemplo em S. Paio da Leirosa, as empenas de adôbe são reforçadas com contrafortes do mesmo material, mesmo em exemplares antigos (fig. 10). Por toda a área da sua difusão, são vulgares cornijas sob o beiral, e alizares de portas e janelas em caliza ou pedra calcária; estes ornatos não atingem no geral a exuberância dos da Gândara, e não existem ou são mais discretos em casas mais antigas. O telhado, de duas águas, é ainda, na maior parte dos casos, de telha caleira.

Interiormente, a sala, a cozinha, e os quartos são soalhados, o seu tecto é de forro, pregado aos caibros e acompanhando o telhado, e há geralmente molduras nas guarnições de portas e janelas. A cozinha é igual à das casas de alpendre que descrevemos; neste tipo de casa, porém, talvez denotando um maior desafogo e outro grau de evolução, a preparação dos alimentos no compartimento onde se encontra o forno é mais frequente

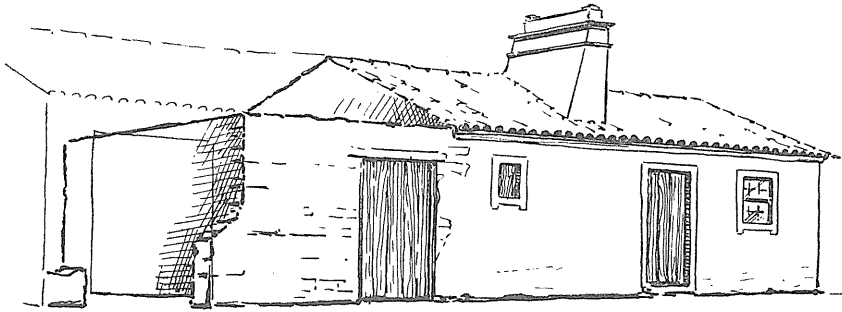


Fig. 7 — Marinha das Ondas.

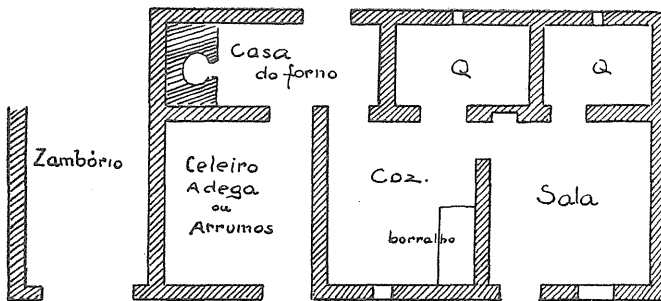


Fig. 8 — Outeiro de Paião (Figueira da Foz).

que naquelas; esse compartimento serve também de quarto de arrumações, e a sua colocação em relação à casa é a mesma que nas casas de alpendre.



5m



Desenho 4 — S. Paio da Leirosa.

Os quartos são iluminados por postigos pequenos, e nos exemplares antigos falta mesmo por vezes qualquer abertura.

Estas casas, com o seu pátio idêntico ao das casas de alpendre, constituem a quase totalidade das habitações desde a Figueira da Foz até alturas de Monte Redondo, passando a ser menos frequentes, e por vezes menos definidas, daí para o sul — precisamente onde começa a ver-se a velha casa de alpendre atrás referida —. Em inúmeros casos, elas ficam reduzidas à

fachada que corresponde à sala e à cozinha, com a porta e as janelas na disposição característica (fig. 8).

Parecendo, na sua forma mais completa, corresponder a um nível rural remediado, este tipo divulgou-se pela área litoral em questão, talvez a partir da primeira metade do século passado, mantendo o traço originário inalterável até há poucos anos; só muito recentemente se têm introduzido algumas modificações na sua planta típica. Destas, a mais importante é sem dúvida a passagem da cozinha para a retaguarda; em alguns casos ela passa mesmo para um corpo estreito lançado para as traseiras, que era vulgar já em exemplares antigos, abrigando a casa do forno (fig. 11) (11).

A par deste tipo, próprio de gente de nível económico remediado, há casas mais pequenas e pobres, em cuja fachada se rasga apenas uma porta e uma janela. Segundo F. C. Monteiro, seria esta última a forma mais vulgar na área de Lavos por 1916, e que se substituíra por uma casa maior logo que a vida o permitia — casa que era sem dúvida a que acabamos de estudar —. Pela sua descrição (12), nelas ficava para a frente a «casa de fora», a toda a largura do edifício, e para trás a cozinha e dois quartos pequeníssimos, sem janela, e um deles com entrada pela própria cozinha; desta saía-se para o pátio através da casa do forno. Cozinhas viradas para a retaguarda da casa são vulgares em áreas mais para o sul. Na zona que aqui estudamos, embora raras, elas existem também; e vêem-se ainda hoje, com efeito, muitas destas casas pequenas, de porta e janela, com a chaminé saindo da água posterior do telhado. É porém possível que a regra não fosse tão geral como o Autor indica, pois no próprio desenho que acompanha o artigo citado, das cinco casas representadas, duas têm chaminé à frente.



Fig. 9 — S. Paio da Leirosa (Pombal).



Fig. 10 — S. Paio da Leirosa — Notem-se os contrafortes na empena.

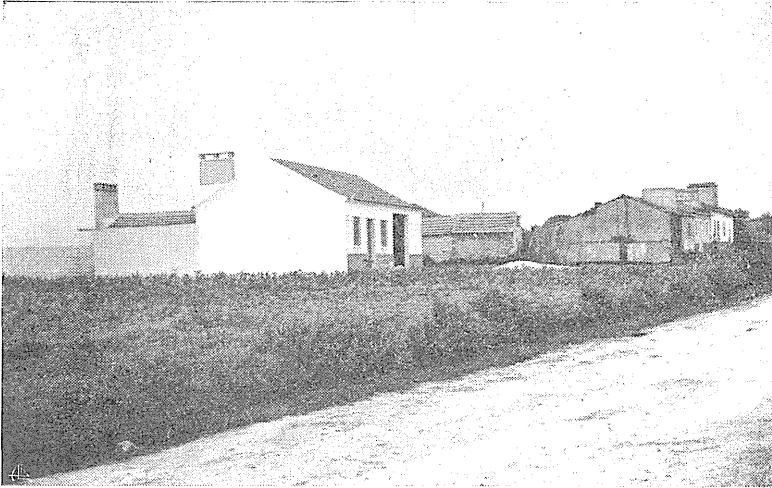


Fig. 11 — S, Paio da Leirosa — Notar a cozinha na parte posterior da casa.

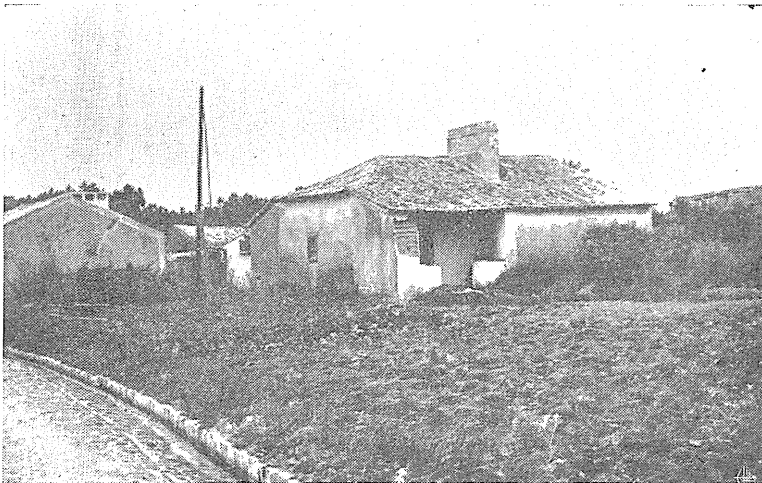


Fig. 12 — Vieira de Leiria.

*

* *

Não obstante a grande diferença de aspectos que oferecem os dois tipos de casa de que acabamos de falar, eles têm na realidade pontos de semelhança fundamentais. Em ambos os casos, trata-se, com efeito, de uma casa térrea — característica fundamental —, com o corpo principal composto por cozinha e sala, numa absoluta identidade de disposição. A esse corpo se encosta, também nos dois casos, outro mais estreito, coberto pelo prolongamento do telhado, que abriga quartos muito exíguos, iluminados por postigos minúsculos, ou mesmo destituídos de qualquer abertura para o exterior. Em ambos é semelhante a colocação da «casa do forno» e a sua utilização; e até, como é natural, o mobiliário e arranjo interior da habitação.

É a diversa implantação desse corpo estreito que provoca a principal diferença entre elas, evidenciada pelo aparecimento do alpendre.

Ao contrário do que sucede com as chaminés das casas de alpendre, que, como dissemos, se caracterizam pela sua grande simplicidade, aquelas que guarnecem as casas do último tipo que estudamos são no geral chaminés altas, enriquecidas com molduras, continuando embora normalmente a ter a fenda de saída tradicional; apenas as de alguns exemplares mais antigos têm a simplicidade das anteriores.

A afinidade entre as casas de alpendre e as casas antigas da Murtoza a que aludimos, é acentuada em alguns raros casos pela existência duma terceira água do telhado (fig. 12). Em Carriço (Pombal), há mesmo uma casa grande de telhado a quatro águas, que reproduz de modo inesperado as casas grandes da Murtoza, com duas colunas sustentando o frechal do alpendre.

Não temos porém, pelo menos por enquanto, elementos que expliquem o facto.

Todos estes tipos de casas são formas locais de uma categoria muito geral de casa térrea, feita de materiais leves — adobo, tijolo ou taipa — que é a casa característica das áreas mediterrâneas e confinantes, do nosso País (onde além do mais não abunda a pedra) abrangendo o distrito de Aveiro, a Gândara, a faixa litoral dos distritos de Coimbra e Leiria, o Ribatejo, o Alentejo e o Algarve — excluindo portanto a casa das regiões coimbrã e saloia — que embora mostrem sensíveis diferenças nestas diversas partes, se podem considerar sem dúvida estreitamente aparentadas.

NOTAS

- (1) Cfr. Jorge Dias, Fernando Galhano e Ernesto Veiga de Oliveira, A Região e a Casa Gandaresa, in: Trabs. Antrop. Etnol., XVII, Porto, 1959, p. 417/437.
- (2) Vid. Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, Casas da Murtosa, in: Trabs. Antrop. Etnol., XV, fasc. 3-4, Porto, 1955/57, p. 265/285.
- (3) Este carácter comum das casas desta região, explica-se também em parte pela identidade do material de construção empregado, o mesmo nível de exploração agrícola, etc.
- (4) 70 cm. de largura por 1,70 m. de altura.
- (5) Como sucede com frequência nesta região, a iluminação deste compartimento é feita por um vidro colocado no forro.
- (6) A porta da cozinha para o exterior tem 1,45 de altura.
- (7) É o que sucede numa casa da Guia (Pombal) (Des. 1 — II e fig. 2).
- (8) O Des. 2-b mostra a divisão interior de uma casa da Ortigosa, onde esta modalidade abunda, que reproduz efectivamente, nas peças principais, a planta típica da casa da Granja. De resto, mesmo exteriormente, é muitas vezes difícil distinguir se o alpendre está a meio da fachada ou ao canto, porque a casa se encosta a outras com igual aspecto.

- (9) Veja-se com efeito o Des. 2-a, que representa a planta de uma casa de Conqueiros.
- (10) Esta descrição corresponde a uma casa que se encontra à beira da estrada que vai da Marinha das Ondas à Leirosa, a qual se encontra já parcialmente arruinada, mas que se pode considerar típica. O seu actual proprietário atribui-lhe com segurança mais de cem anos.
- (11) A casa toma assim, um pouco, a disposição das casas gandaresas de Mira, com o corpo estreito estendido para retaguarda; contudo, aqui, não se vê a série de pequenos edifícios que se seguem a esse corpo, e que ali é usual.
- (12) Vid. Revista Lusitana, XIX, p. 143. O autor do artigo fornece interessantes informes acerca do arranjo interior da casa de Lavos.